

FUNDAMENTOS PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA AMOROSA: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA PEDAGOGIA FREIREANA

Alexsandro Melo Medeiros

Universidade Federal do Amazonas, Bolsista e Pesquisador FAPEAM, philos_aletheia@hotmail.com

Resumo

Ao considerar a natureza humana como um misto de mente e coração, razão e emoção, é preciso problematizar a relação ensino-aprendizagem para que no futuro o sistema educacional inclua como prática comum o desenvolvimento de aptidões humanas como o autocontrole, empatia e resolução de conflitos, ou seja, aspectos ligados mais à dimensão emocional e afetiva do desenvolvimento humano. É seguindo um pouco esta linha investigativa que vamos propor aqui pensar a educação e a prática docente a ela subjacente como uma ação que não pode ser entendida apenas sob um viés intelectualista, mas que inclua em seus fundamentos o aspecto emocional e afetivo, próprio da natureza humana, enfatizando a prática pedagógica (formal e popular) como um ato amoroso, a partir do referencial teórico que nos é dado pelo eminente filósofo e educador brasileiro, Paulo Freire. Esta comunicação tem por objetivo, portanto, analisar tanto a possibilidade de pensar os fundamentos de uma prática pedagógica que leve em consideração o aspecto emocional, do ponto de vista formal, ou seja, aquela que recebemos dentro de uma sala de aula, seja em uma escola ou universidade, quanto um modelo de educação informal, popular, de educação das massas, com as massas, com o povo, presente na pedagogia libertadora de Paulo Freire. Como metodologia utilizou-se a pesquisa bibliográfica, abrangendo a leitura, análise e interpretação das obras de Paulo Freire para constatar que, desde suas primeiras obras como *Educação como Prática de Liberdade* até suas últimas produções, como *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia Autonomia*, que o tema da pedagogia como uma prática amorosa é recorrente no seu pensamento: o amor como fundamento e horizonte da existência humana. Paulo Freire se fez pedagogo dos oprimidos e das oprimidas por um ato de coragem e amor e dirigiu-se ao povo, por amor, fruto de uma inquietação que o fazia sofrer diante das atrocidades, da malvez e da *anti-eticidade* dos poderosos. Toda sua produção intelectual está envolta nessa atmosfera de pensar a educação do povo e das massas como um ato de amor, esperança e utopia. Paulo Freire vislumbra inclusive a possibilidade de uma ação revolucionária libertadora e amorosa, como é possível perceber na análise de sua obra. Esta comunicação pretende, portanto, contribuir com uma discussão em torno da práxis do educador analisando como no pensamento de Paulo Freire podemos vislumbrar tanto uma práxis amorosa no ato de ensinar do ponto de vista formal e institucional, quanto uma práxis amorosa na educação como libertação das classes populares e menos favorecidas.

Palavras-chave: Amor, Práxis, Ensino-Aprendizagem, Educação Popular.

Introdução

O ilustre psicólogo e escritor de renome internacional, Daniel Goleman (1995), ao considerar a natureza humana como um misto de mente e coração, razão e emoção, ressalta a possibilidade de que no futuro o sistema educacional incluirá como prática comum o desenvolvimento de aptidões humanas como o autocontrole, empatia, resolução de conflitos, cooperação e até mesmo autoconsciência. É seguindo um pouco esta linha investigativa que vamos propor aqui pensar a educação e a prática docente a ela subjacente como uma prática que não pode ser entendida apenas sob um viés intelectualista, mas que inclua em seus fundamentos o aspecto emocional e afetivo, próprio da natureza humana, e que por isso não pode ser excluído do processo pedagógico de ensino-aprendizagem.

Esta comunicação tem por objetivo analisar tanto a possibilidade de pensar os fundamentos de uma prática pedagógica que leve em consideração o aspecto emocional, do ponto de vista formal, ou seja, aquela que recebemos dentro de uma sala de aula, seja em uma escola ou universidade, quanto um modelo de educação informal, popular, de educação das massas, com as massas, com o povo, presente na pedagogia libertadora de Paulo Freire.

“Como na parábola do semeador, Paulo Freire lançou sementes de diálogo, de conscientização, de amorosidade, de indignação, de transformação. Germinaram, cresceram e frutificaram de modo diferenciado” (MÂNPIO, 2008, p. 26). E é seguindo seus passos que vamos colher algumas dessas sementes, de modo que possamos refletir sobre a formação docente incluindo aí aspectos afetivos e emocionais e, de modo mais específico o amor: a prática pedagógica (formal e popular) como um ato amoroso.

Desde a publicação de *Educação como Prática da Liberdade* que o tema da pedagogia como uma prática amorosa é recorrente no pensamento de Paulo Freire. O amor como fundamento e horizonte da existência humana. “O que distingue Freire da maioria dos outros educadores de esquerda nestes tempos de razão cínica é a sua insistência, sem a mínima vergonha de fazê-lo, na importância do poder do amor” (VASCONCELLOS, 2007, p. 8). Ana Maria A. Freire (2010, p. 239 – grifo da autora) afirma que Paulo se fez pedagogo dos oprimidos e das oprimidas muito mais por um ato de coragem e amor, do que em razão de suas leituras marxistas: “Paulo foi primeiro ao povo, por amor, e depois é que foi estudar Marx para entender melhor o que se passava no seu *corpo consciente*, que o inquietava e fazia sofrer diante das atrocidades, da malvadez e da anti-eticidade



dos poderosos”. Toda sua produção intelectual está envolta nessa atmosfera de pensar a educação do povo e das massas como um ato de amor, esperança, utopia (TORRES, 2014) desde *Educação como Prática de Liberdade* até suas últimas produções, como *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia Autonomia*, como veremos ao longo desta comunicação. Paulo Freire vislumbra inclusive a possibilidade de uma ação revolucionária libertadora e amorosa, como é possível perceber em sua obra *Ação Cultural para a Liberdade*: “a utopia revolucionária tende ao dinâmico e não ao estático; ao vivo e não ao morto; ao futuro como desafio à criatividade humana e não ao futuro como repetição do presente; ao amor como libertação e não como posse patológica” (FREIRE, 1981, p. 64). É digno de nota que a obra *Educação como Prática da Liberdade* inicie com um poema de Thiago de Mello:

Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente para desfraldar
este canto de amor publicamente.

[...]

Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler
(*apud* FREIRE, 1967, p. 28).

Vamos então analisar como no pensamento de Freire podemos vislumbrar tanto uma práxis amorosa no ato de ensinar do ponto de vista formal e institucional, quanto uma práxis amorosa na educação como libertação das classes populares e menos favorecidas. Como metodologia este artigo adota uma pesquisa bibliográfica abrangendo a leitura, análise e interpretação das obras de Paulo Freire, a partir da qual é possível contribuir com uma discussão em torno da *práxis* pedagógica.

O Ato de Ensinar como uma Práxis Amorosa

Há um elemento fundamental no ato de educar que é o elemento emocional e a principal obra de Freire, *Pedagogia do Oprimido*, traduz uma leitura de mundo “carregada de paixão pela vida, dialeticamente relacionando emoção e razão, teoria e prática, explicitadas por meio da indignação e do amor, da denúncia e da esperança, dos limites e da liberdade, da ética e da estética,

da ‘palavração’ e da práxis” (FREIRE; OLIVEIRA; MACHADO, 2001, p. 27). A relação pedagógica, quando perpassada pela afetividade, pela humildade e pela amorosidade que servem de base à dialogicidade oportuniza o desenvolvimento da educação como prática humanista e de libertação, pois como afirma o próprio Freire (1999, p. 38): “é preciso juntar à humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, uma outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado. E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar”.

Ensinar não exige apenas conhecimento e competência técnica, rigorosidade metódica, domínio do conteúdo. Ensinar exige respeito, ética, humildade, tolerância, alegria, esperança, querer bem e amorosidade. Na concepção freireana o diálogo no qual se funda a prática pedagógica nutre-se “de amor, humildade, esperança, fé e confiança” (GADOTTI, 2004, p. 66). Freire (2002, p. 45) relaciona, assim, amorosidade e diálogo com outras qualidades igualmente importantes.

Deve fazer parte de nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam de ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e se somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

O ato de educar implica uma convivência amorosa com os educandos. “A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas” (FREIRE, 2002, p. 7). Dialogar e demonstrar amor no ato de ensinar não significa infantilizar ou tornar “piegas” a educação, mas ao assumir seu amor pelo mundo e pelos outros, o educador revela autenticidade e seriedade no planejamento pedagógico, onde a educação se transforma em um ato muito mais que o de simplesmente transferir conhecimento, mas significa assumir um compromisso com o *ser* do outro e seu processo de desenvolvimento e aprendizado. “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?” (FREIRE, 2002, p. 27).

Esta amorosidade, esta abertura ao querer bem dos educandos, significa um compromisso político, ético e pedagógico: compromisso com seu aprendizado, com sua liberdade, com sua



humanidade. O amor se manifesta no desejo de educar as pessoas, empenhando-se em fazê-lo da melhor forma possível. A prática pedagógica não precisa e nem deve ser sinônimo de uma seriedade radical que entende que quanto mais severo, frio, distante e “cinzento”, for o professor, melhor a aprendizagem. O “que-fazer” pedagógico deve ser uma atividade alegre, tanto quanto amorosa: uma alegria que não é inconciliável com a seriedade. Uma alegria necessária ao “que-fazer” docente, que possa estimular o gosto de querer aprender, o gosto de querer bem. A prática educativa é tudo isso: afetividade, amorosidade, alegria, querer bem, conhecimento técnico e científico.

A educação dialógica, que é o modelo de educação amplamente defendido por Paulo Freire, implica uma postura amorosa. Isso porque o diálogo só é possível se houver “um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda” (FREIRE, 1987, p. 45). O amor é condição necessária para o diálogo e para a prática pedagógica (MENEZES; SANTIAGO, 2014). E como afirma Gadotti (2007, p. 35): “A educação conscientizadora é problematizadora, crítica e prioriza o diálogo, o respeito, o amor [...]”. O diálogo deve fundar-se na humildade, na fé nos homens, no amor, na confiança e estabelecer uma relação horizontal entre os sujeitos dialógicos. Uma confiança que vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo, em comunhão e colaboração necessárias a uma prática revolucionária humana que precisa ser amorosa, comunicante e humilde, para ser libertadora. Além disso só é possível discutir e debater educação com uma equipe quando há respeito e amor: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1967, p. 97). O diálogo que se estabelece em uma relação horizontal e não vertical nutre-se de humildade, respeito, confiança, amor. “E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação” (FREIRE, 1967, p. 107). Ao que podemos acrescentar: só aí há uma educação autêntica.

A Educação Popular como prática amorosa

Paulo Freire ficou mundialmente conhecido devido à ampla propagação e divulgação que teve o seu método de alfabetização das classes populares. Convidado à expor o seu método em

vários países, Freire teve a oportunidade de conviver com a classe de trabalhadores não apenas no Brasil¹, mas em países da América Latina como o Chile², países europeus e africanos.

Estas experiências foram fundamentais para que o patrono da educação brasileira pudesse elaborar uma proposta de educação popular como instrumento de emancipação das classes populares, ou seja, pensar um movimento de Educação Popular enquanto paradigma latino-americano capaz de problematizar os desafios concretos que impulsionam a articulação de lutas organizadas a partir de Movimentos Populares convergindo para um grande movimento de *práxis transformadora* em direção à transformação das realidades sociais opressoras. Souza (2010, p. 35-36) pondera a este respeito que

[...] com certeza encontraremos no legado de Paulo Freire contribuições valiosas [...] uma delas, com certeza, é a importância do diálogo para qualquer projeto educativo que se diga libertador. E isto já o sabem atores coletivos que estão lutando por transformações sociais no nosso país hoje, como é o exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, de vários centros de Formação e Educação Popular, da Consulta Popular, de um grande número de Administrações Populares e de uma infinidade de lutadores e lutadoras do povo, que nas escolas, nos movimentos sociais, nas comunidades de base constroem dia a dia a transformação da sociedade brasileira (SOUZA, 2010, p. 35-36).

E ao enfatizar a *práxis pedagógica* como uma ação pela libertação Freire lança mão “de um debate ético, crítico e amoroso sobre a tomada de posição e de consciência em favor da transformação social” (COSTA, 2010, p. 19). Para que essa ação se dê através de uma comunhão entre os oprimidos é necessário um humanismo que se fundamenta no diálogo e no amor. A luta pela libertação de uma sociedade opressora é um ato amoroso e a pedagogia freireana “se articula numa sensibilidade amorosa para os oprimidos, para com a dramaticidade de suas existências, para com os processos humanizadores-desumanizadores da exclusão e da opressão” (ARROYO, 2001, p. 165). Quando Freire (1987, p. 17) afirma que não há ninguém melhor do que os próprios oprimidos para entender o significado de uma sociedade opressora e ninguém melhor do que os oprimidos

¹ A experiência de Paulo Freire com filhos e filhas de trabalhadores rurais e urbanos no SESI – Serviço Social da Indústria –, na Divisão de Educação e Cultura foi tão importante que, como ele mesmo declara em relação à sua obra mais importante, a *Pedagogia do Oprimido*, esta “não poderia ter sido gestada em mim só por causa de minha passagem pelo SESI, mas a minha passagem pelo SESI foi fundamental. Diria até que indispensável à sua elaboração” (1992, p. 09).

² Durante o período que passou no Chile, por causa do exílio pós golpe militar de 1964, Paulo Freire foi assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario, do Ministério de Educación, da Corporación de la Reforma Agraria onde, como ele mesmo afirma em sua obra *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992), viajou por boa parte do país, fazendo parte de cursos de formação nos assentamentos de reforma agrária, trabalhando com camponeses e camponesas a leitura da palavra e do mundo.

para compreender a necessidade da libertação, ele afirma igualmente que essa libertação não é algo que se dará ao acaso, “mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores”.

A concepção freireana de educação amplia o cânone da educação brasileira e inclui neste processo os grupos socialmente desfavorecidos e almeja vincular-se organicamente aos saberes do povo. A proposta pedagógica freireana inclui um modelo de educação que alcança a todos, os menos favorecidos, os marginalizados, os *condenados da terra* – na expressão de Franz Fanon (1983).

A educação popular está vinculada democraticamente a um paradigma de transformação social, que supera o autoritarismo, por meio de uma práxis social e educativa comprometida com a formação do sujeito crítico, participativo e dialógico. A educação popular é, por isso, movimento político e social com as classes populares através da educação. E esse processo se dá como um ato amoroso que é compromisso com a luta com as classes populares pela liberdade, compromisso com a humanidade, compromisso com os oprimidos e a superação das contradições sociais existentes. Onde quer que existam oprimidos, há a necessidade de, através de um ato de amor, comprometer-se com a sua causa, a causa de sua libertação.

Freire afirma que está convencido de que o ato revolucionário é um ato criador, libertador e um ato de amor. Não há inconciliação entre revolução e amor e, citando Che Guevara, destaca que “a riesgo de parecer ridículo, que el verdadero revolucionario es animado por fuertes sentimientos de amor. Es imposible pensar un revolucionario auténtico sin esta calidad”³ (FREIRE, 1987, p. 45)⁴. Freire (1992, p. 78) faz referência também ao poeta Thiago de Melo para falar do “amor aos menos favorecidos”:

Na verdade, os interditados, os renegados, os proibidos de ser não precisam de nossa “mornidade”, mas de nosso *calor*, de nossa solidariedade e de nosso amor também, mas de um amor sem manha, sem cavilações, sem pieguismo, de um “amor armado”, como o de que nos fala o poeta Thiago de Melo.

³ ... correndo o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é animado por fortes sentimentos de amor. É impossível pensar em um revolucionário autêntico sem esta qualidade (tradução nossa).

⁴ Esta mesma referência à Ernesto Guevara é encontrada tanto na obra *Ação Cultural para a Liberdade* (FREIRE, 1981, p. 66) quanto na obra *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992, p. 23). Em *Ação Cultural para a Liberdade* Freire menciona também Camilo Torres, companheiro de Guevara na luta revolucionária: “ele também não se fez guerrilheiro por desesperação, mas por amor verdadeiro. Ambos procuravam realizar o sonho do novo homem e da nova mulher, nascendo na e da prática da libertação” (FREIRE, 1981, p. 66).

A pedagogia libertadora freireana está profundamente ancorada no sentimento de amor e em construir relações sociais de respeito ao outro como fundamento da constituição do *eu*. Por isso podemos dizer que a pedagogia libertadora freireana expressa

a busca por fomentar o sentimento de amor nas relações sociais, inserindo-o na reflexão sobre os seus problemas de modo a aproximar os homens das suas particularidades e elementos mais relevantes. A associação entre o amor e a radicalização é comum a ambas as obras principais estudadas neste trabalho (COSTA, 2010, p. 20-21)⁵.

Considerações Finais

A pedagogia freireana geralmente é lembrada no meio acadêmico por problematizar uma prática pedagógica baseada no que poderíamos chamar de uma “cultura do silêncio”, onde o aluno é visto como um repositório dócil e mecânico de ideias que são transmitidas pelo professor, o detentor do conhecimento. Mas o legado de Paulo Freire vai muito mais além. Paulo Freire nos deixou um imenso legado: uma crença profunda na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito da história; uma postura política firme e coerente com as causas do povo oprimido, temperada com a capacidade de sonhar, de amar e de ter esperança; uma pedagogia que valoriza o saber do povo, ao mesmo tempo em que o desafia a saber sempre mais; um sentimento de esperança que acredita na possibilidade de mudança e na educação como fator de transformação social; e muito mais.

Paulo Freire não se distingue apenas por defender uma *práxis* pedagógica diferenciada, oposta ao modelo de educação bancária que ele tanto criticou, mas também por sua ênfase na prática pedagógica como uma *práxis* amorosa e libertadora. Sua produção intelectual está envolta nessa atmosfera de amor, esperança e utopia. Uma utopia revolucionária que tende ao dinâmico, ao futuro como desafio à criatividade humana, ao amor como libertação. O patrono da educação brasileira aposta em uma educação mais humana, libertadora, um ideal de libertação alimentado pela esperança utópica de um mundo mais justo. Um futuro aberto como possibilidade onde a educação deixa de ser do oprimido, passa a ser a educação de homens e mulheres em processo de constante libertação e onde o amor representa um aspecto fundamental neste processo.

⁵ O autor se refere a *Educação como Prática da Liberdade* e a *Pedagogia do Oprimido*.

O humanismo de Freire, como um ato de amor, levou-o a denunciar a realidade opressora. Ao compreendê-la como injusta e desigual, anunciou a possibilidade de transformação e libertação. Eis a sua utopia: lutar por um mundo melhor, um mundo mais humano, um mundo pleno de amor.

Referências Bibliográficas

ARROYO, M. Paulo Freire em tempos de exclusão. In: FREIRE, Ana Maria A.; OLIVEIRA, Ivanilde A. de; MACHADO, Roberto Luiz (orgs.). **Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. São Paulo: UNESP, 2001, p. 163-170.

COSTA, Bruno Botelho. **Conscientização e sociedade em Paulo Freire: da Educação como prática de liberdade à Pedagogia do Oprimido**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2010.

FANON, Frantz. **Los Condenados de la Tierra**. 2. ed. 7. reimpr. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

FREIRE, Ana Maria A. O amor radical em Paulo Freire, Joe Kincheloe e Jesus Gomez, nosso eterno Pato. **Trabajo Social Global**, vol. 1, n. 2, p. 234-241, 2010. Disponível em: <<http://revistaseug.ugr.es/index.php/tsg/article/view/913/1051>>. Acesso em 02/01/2017.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura)

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 11. ed. São Paulo: Olho d'água, 1999.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

_____. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Tradução Marcos Santarrita. 61ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MÂNPIO, Antônio João. Libertação. In: GADOTTI, Moacir (org.). **40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008, p. 26-27.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições**, vol. 25, n. 3, p. 45-62, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201407503>>. Acesso em 02/01/2017.

SOUZA, Ana Inês. Educação e Atualidade Brasileira: a emersão do povo na história. In: SOUZA, Ana Inês (org.). **Paulo Freire: vida e obra**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 33-66.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo e Práxis Educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire**. Tradução de Mônica Mattar Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VASCONCELLOS, Celso do S. Competência docente na perspectiva de Paulo Freire. **Revista de Educação AEC**, n. 143, p. 66-78, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://www.sinprors.org.br/cepep/Celso_Vasconcellos_Artigo.pdf>. Acesso em 03/01/2017.